

A SINTAXE DA ORDEM DOS CONSTITUINTES EM PASSIVAS ANALÍTICAS E ADJETIVAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO EUROPEU

Autora: Elaine Alves Santos Melo (UFRJ/CNPq)
elainemelo06@gmail.com

1.0 Apresentação

A ordem do sujeito é um tema extremamente debatido em trabalhos que analisam as sentenças ativas. No que concerne às construções passivas, como as expressas em (1), ainda é preciso tecer uma maior descrição para que possam ser feitas considerações mais específicas. Sabe-se, por exemplo, que, em textos produzidos por portugueses, em sentenças ativas, há uma mudança na expressão da ordem do sujeito na passagem do século XVII para o século XVIII que pode ser caracterizada pela diminuição na frequência de uso de VS.

(1) a. porque **tudo está empatado** com despachos subreptícios, de que Sua Magestade não he sabedor. [Manuel da Costa, 1601]

b. E **está sabido que elles dizem o que é falso**, porque aqueles taes fidalgos ou engenhos, inda que cem annos aprenderão, nunca grandes homens de pintar podiam ser, não já que lhes negue o poder pintar, como muitos fazem; [Francisco de Holanda, 1517]

Cavalcante (2011) mostra que nas passivas, ao longo do tempo, há preferência pela ordem SV. A autora faz uma pesquisa em que compara três tipos de formas de expressão do sujeito: SV, VS e sujeito nulo. O trabalho que ora é apresentado não considera na análise os sujeitos nulos e faz uma oposição apenas entre os sujeitos plenos, portanto, a variação entre SV e VS.

O objetivo deste trabalho é descrever a ordem do sujeito em sentenças passivas analíticas, como a expressa em (2), e adjetivas, como a expressa em (3). A diferença entre os dois tipos de passivas está na estrutura sintática. A passiva analítica é um tipo de sentença com uma sintaxe inacusativa, visto que seu sujeito é um argumento interno. Por outro lado, a passiva adjetiva é uma construção em que o sujeito é um argumento externo. Essa diferença na sintaxe das construções expressas em (2) e (3) condiciona a primeira hipótese desse trabalho: em passivas analíticas haverá maior frequência da ordem VS do que nas passivas adjetivas, pois naquelas a estrutura inacusativa favorece a posição do sujeito em relação ao verbo flexionado.

(2) E isto era no tempo em que na mesma cidade de Lisboa se quebrarão os escudos pella morte del Rey dom Manoel da gloriosa memoria, que foy em dia de santa Luzia treze dias do mes de Dezembro do anno de 1521, de que **eu sou bem lembrado**, & doutra cousa mais antiga deste reyno me não lembro. [Fernão Mendes Pinto, 1510]

(3) **Bem persuadido estava eu**, continuou o cavaleiro, tu me não darias crédito, Discrição, mas para que vejas a verdade, neste mesmo instante te vou pedir ateu pai. [Cavaleiro de Oliveira, 1702]

Além de observar a diferença na ordem do sujeito em sentenças passivas analíticas e adjetivas, esse trabalho busca mostrar os tipos de VS. Dessa maneira, há uma seção em que se discute a frequência de uso de inversão germânica ou românica e se ao longo do tempo uma das duas construções se torna mais frequente. Por hipótese, ao longo do tempo, haverá uma mudança no tipo de VS: nos séculos XVI e XVII, predominarão dados de inversão germânica; já a partir do século XVIII predominarão os dados de inversão românica. A hipótese origina-se nos resultados de Paixão de Sousa (2004) para as sentenças ativas que encontra, nos mesmos séculos, o padrão descrito acima.

Na última seção, haverá uma descrição de dois tipos de condicionamentos que podem influenciar no ordenamento do sujeito: o tipo de sintagma que expressa a relação de sujeito e a presença x ausência do agente da passiva. As hipóteses são de que sujeitos pronominais, e sintagmas nominais que codificam uma informação velha favorecerão a ordem SV, em virtude da importância do estatuto informacional para o estabelecimento da ordem do sujeito (DUARTE, 2003; PAIXÃO de SOUSA, 2004). Por outro lado, sintagmas nominais que exerçam a função de sujeito e codifiquem uma informação nova, preferencialmente, estarão posposto ao verbo finito. Por fim, os sintagmas oracionais, assim como as informações novas, tenderão a ser realizados em uma ordem VS, mas neste caso a justificativa é o peso do sintagma. No que concerne ao agente da passiva, a hipótese que norteia este trabalho é a de que a presença desse sintagma favorece a ordem SV. Essa hipótese tem relação com a estrutura das sentenças passivas em que preferencialmente o sintagma agentivo é realizado em posição pós-verbal.

A fim de realizar esse trabalho, será utilizada a teoria de variação paramétrica (KATO e TARALLO, 1989) como arcabouço teórico. A amostra desta pesquisa é constituída por textos escritos por portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX. Compõem a amostra 24 textos, distribuídos conforme o quadro 1, que foram consultados na base de dados do *Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brahe*, disponível em www.tycho.iel.unicamp.br. Para efeito de datação das obras, será utilizado o ano de nascimento dos autores, visto que este é o período mais próximo a que se pode chegar da fase de aquisição da linguagem desses autores, período em que segundo Kroch (2001) ocorrem as mudanças linguísticas.

Século	Nascimento	Autor	Obra
XVI	1510	Fernão Mendes Pinto	Peregrinação
	1517	Francisco de Holanda	Da Pintura antiga
	1542	Diogo do Couto	Décadas
	1556	Frei Luiz de Sousa	A vida de Frei Bartolomeu dos mártires
	1579	Francisco R. Lobo	Côrte na Aldeia e noite de inverno
XVII	1601	Manuel da Costa	A arte de furtar
	1608	Antonio Vieira	Cartas
			Sermões
	1608	Francisco M. de Melo	Cartas Familiares
	1631	Antonio das Chagas	Cartas espirituais
	1644	Manuel Bernades	Nova Floresta
	1651	José da Cunha Brochado	Cartas
	1658	Maria do Céu	Vida e Morte de Maria Helena da Cruz
	1676	Jerónimo Contador de Argote	Regras da Língua Portuguesa
1695	Alexandre Gusmão	Cartas	
XVIII	1702	Cavaleiro de Oliveira	Cartas
	1705	Matias Aires	Reflexões sobre a vaidade dos homens
	1713	Luis Antonio Verney	Verdadeiro método de estudar
	1714	Antonio da Costa	Cartas
	1724	Correia Garção	Obras Completas
	1750	Marquesa de Alorna	Cartas
XIX	1799	Almeida Garrett	Viagens da minha terra
	1802	Marquês da Fronteira e Alorna	Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna
	1836	Ramalho Ortigão	Cartas a Emília

Quadro 1 A amostra

Por fim, é preciso ressaltar que será utilizada a proposta de periodização de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005) que considera que no período entre os séculos XVI e XIX é possível descrever duas gramáticas. Em linhas gerais, a primeira, a gramática do português clássico, no que concerne à ordem dos constituintes, se caracteriza por ser uma gramática V2, em que predomina a ordem VS. Esta gramática é encontrada no período que vai do século XVI ao XVII. A segunda, a gramática do português europeu, no que concerne à ordem dos constituintes, se caracteriza por ser pro-drop, não V2, e em que predomina a ordem SV. A gramática do português europeu é a encontrada a partir do século XVIII.

2.0 A ordem do sujeito na amostra do Tycho Brahe: alguns trabalhos sobre sentenças ativas e passivas.

Pesquisas recentes têm mostrado que há uma mudança na ordem dos constituintes na passagem do século XVII para o XVIII que caracteriza a emergência da gramática do PE (PAIXÃO DE SOUSA, 2004; CARNEIRO, 2005; CAVALCANTE, 2006; FLORIPPI, 2008; GIBRAIL, 2009) Segundo Cavalcante (2006), a gramática do Português Clássico, anterior ao PE, é caracterizada como uma gramática em que a posição de sujeito é preferencialmente pós-verbal, enquanto que, no PE, há preferencialmente sujeito em posição pré-verbal.

No Português Clássico, segundo Paixão de Sousa (2004), em sentenças ativas, VS permitia inúmeras combinações: VS, XVS, XVXS. A posição X, quando anteposta ao verbo, era ocupada por um constituinte pragmaticamente proeminente, ou seja, havia nessa gramática uma posição para onde se deslocavam os constituintes de acordo com seu estatuto informacional. No, PE, entretanto, segundo Paixão de Sousa (2004), a posição X é a posição do sujeito e não mais pragmaticamente proeminente.

Segundo Cavalcante (2011), nas sentenças ativas e passivas, ao longo do tempo, o sujeito deixa de ser preferencialmente posposto para ser majoritariamente anteposto. Ao observar a frequência do sujeito pré-verbal nas sentenças com SE-reflexivo e passivas, a autora encontra uma curva ascendente da ordem SV. Nos dois primeiros séculos, como pode ser visto no gráfico 1, a anteposição não supera 50% dos dados, variando entre 28% e 39% se considerarmos os dois tipos de sentenças. A frequência de uso de SV aumenta na virada do século XVII para o XVIII, chegando a atingir 61% de DPs sujeito antepostos nas passivas. Esta curva encontrada assemelha-se ao padrão observado por Paixão de Sousa (2004) com relação aos sujeitos pré-verbais em sentenças com ênclise.

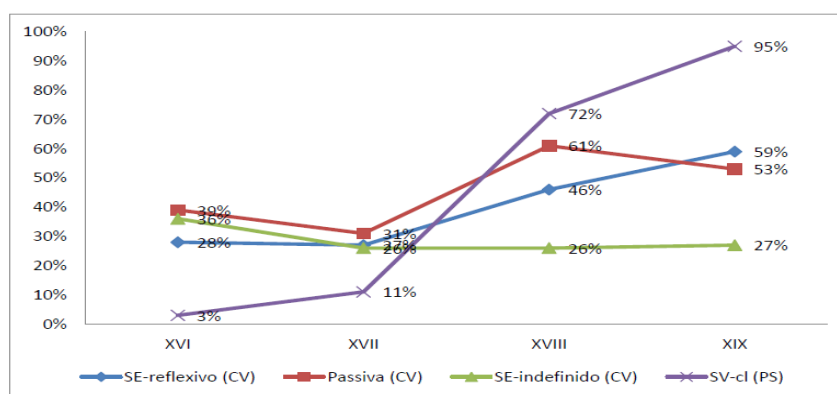


Gráfico 1 A ordem dos constituintes em construções ativas e passivas

Por outro lado, nos resultados do SE-indefinido, ou seja, em sentenças como “vendem-se casas”, não há uma curva ascendente da ordem SV. A explicação dada por Cavalcante (2011) é a de que nessas construções o DP não exerce a função de sujeito, mas sim de objeto direto. Por isso, há uma nítida diferença no comportamento da ordem dos DPs entre este tipo de construção e o DP de sentenças com SE-reflexivo, passivas e ativas em que há ênclise. Nesses três últimos casos, o DP exerce a função de sujeito e por isso a frequência da ordem SV aumenta ao longo do tempo.

3.0 Análise dos dados

Conforme apresentado na primeira seção, a hipótese inicial desse trabalho é a de que o padrão de ordenamento em passivas analíticas e adjetivas é distinto, pois a primeira é uma estrutura inacusativa, que, portanto, tem como sujeito um argumento interno e maior probabilidade de ocorrência da ordem VS. Por outro lado, em sentenças passivas adjetivas, a ordem preferencial deve ser SV por se tratar de uma estrutura transitiva.

3.1 Passivas analíticas e adjetivas apresentam diferenças em relação à ordem do sujeito?

Nessa primeira seção de análise dos dados, será respondida a pergunta feita no início do trabalho sobre o fato de as sentenças passivas analíticas e adjetivas apresentarem uma estrutura sintática distinta o que permitiria uma diferença na posição ocupada pelo sujeito: por hipótese, o fato de uma passiva analítica ser uma estrutura inacusativa poderia desencadear uma maior frequência de VS, enquanto que nas passivas adjetivas, SV seria mais frequente, visto que esta não é uma estrutura passiva inacusativa.

O fato é que a observação da distribuição geral dos dados, que é apresentada na tabela 1, já refuta a hipótese apresentada acima, visto que independente do tipo de estrutura passiva analisada há preferência pela ordem SV. Há 37% de passivas analíticas com ordem VS e, em uma frequência muito próxima, 39% de passivas adjetivas com sujeito postposto ao verbo flexionado.

	Passiva Analítica		Passiva Adjetiva		
	N	%	N	%	
SV	264	63%	223	61%	
VS	154	37%	141	39%	
Total	418		364		782

Tabela 1 Distribuição geral das passivas analíticas e adjetivas, considerando a ordem do sujeito: SV x VS.

É preciso ressaltar que esse padrão de ordenamento em que SV é mais frequente é também encontrado quando os dados dos dois tipos de passivas são analisados ao longo do tempo, como pode ser visto no gráfico 2. A curva ascendente de SV é encontrada nos dois tipos de passivas. Se por um lado, nas passivas analíticas, no século XVI, há 51% de SV, no mesmo período, nas passivas adjetivas, a frequência dessa ordem é de 59%. É importante verificar que ao final do século XIX os dois tipos de passivas apresentam a ordem SV em mais de 70% dos dados. Especificamente, SV está presente, no século XIX, em 85% das passivas analíticas e 75% das passivas adjetivas.

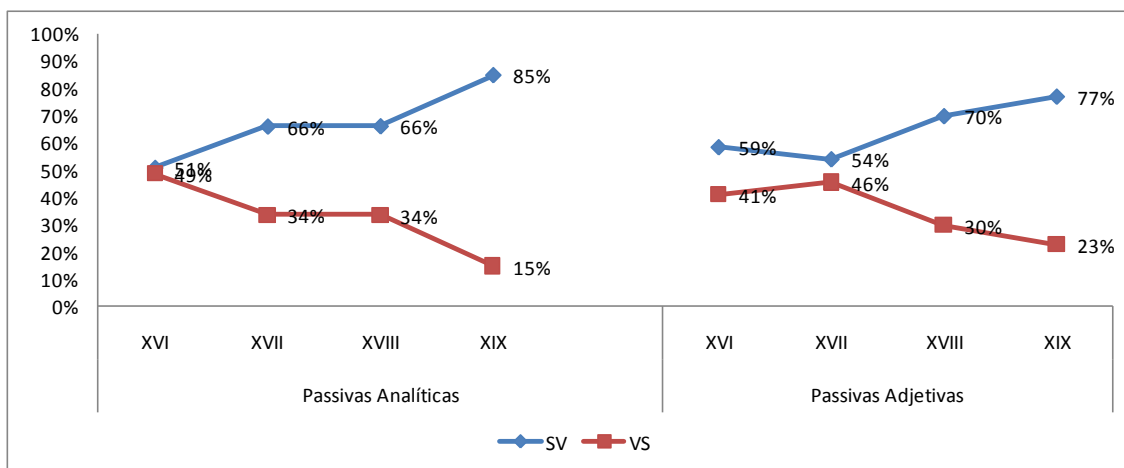


Gráfico 2 A ordem do sujeito em passivas analíticas e adjetivas ao longo do tempo

O resultado diacrônico da ordem do sujeito em passivas analíticas e adjetivas, permitem que a análise, nas próximas seções, considere as passivas como um todo, ou seja, não haverá distinção entre passivas analíticas e adjetivas. Isto porque nas duas construções há maior frequência de SV.

3.2 O tipo de VS nas sentenças passivas

Nessa seção, serão descritos os tipos de VS encontrados na amostra de passivas a partir da hipótese de que ao longo do tempo a frequência de inversão românica, como nos exemplos em (4), aumentará em detrimento da inversão germânica, como nos exemplos em (5). A hipótese origina-se em Paixão de Sousa (2004) segundo o qual, no Português Clássico, há predominantemente inversão germânica e no português europeu as construções de VS são do tipo inversão românica.

(4) a. E porque esse teu Mouro que ahy jaz, ontem estando bebado, em companhia de outros cães tais como elle, disse de mim tantos males que ey vergonha de tos dizer, dizendo publicamente em altas vozes, que eu era porco, & pior que porco, & minha mãy cadella sayda, me **foy forçado por minha honra mandar fazer justiça delle**, & de esses outros perros taõ maos como elle [Fernão Mendes Pinto, 1510]

(5) a. Atenção deste meu tio não teve o sucesso que elle imaginava, antes o teve muito differente, porque havendo anno & meyo pouco mais ou menos que eu estava no serviço desta senhora, me socedeo hum caso que me pos a vida em tanto risco, que para a poder salvar me **foy forçado sair me naquela mesma ora de casa**, fugindo cõ a mayor pressa que pude, & indo eu assi tão desatinado co grandemedo que levava, que não sabia por onde hia [Fernão Mendes Pinto, 1510]

b. Venceraõ os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que **foy formado Adão**, e depois se lhe talharaõ, e cozéraõ os vestidos. [Manuel da Costa, 1601]

Entretanto, no gráfico 3, nota-se que não há um aumento do uso da construção de inversão românica ao longo do tempo. Pelo contrário, parece ocorrer um sistema com variação estável, visto que a frequência de uso da inversão germânica varia de 86% no

século XVI para 79% no século XIX. Nesse sentido, o tipo de VS prototípico no PE em sentenças ativas não é o mesmo encontrado nas passivas.

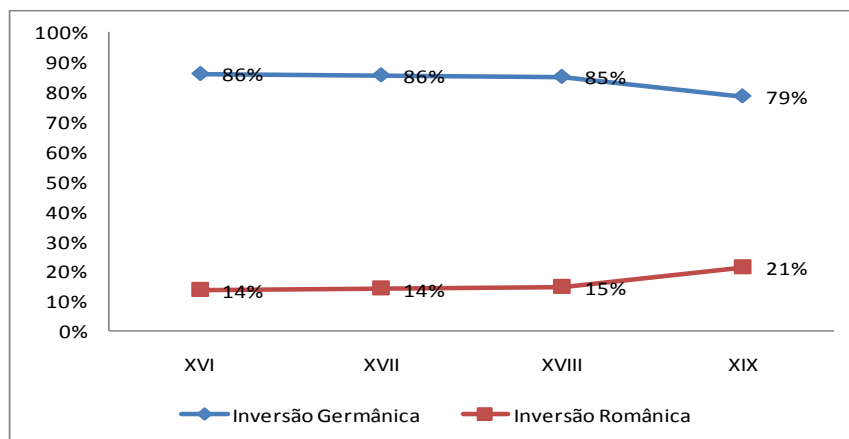


Gráfico 3 Tipo de VS ao longo do tempo nas passivas

Uma explicação para a diferença na distribuição de inversões germânicas e românicas ao longo do tempo em sentenças passivas e ativas passa pela percepção da estrutura de cada uma dessas sentenças. Em uma sentença passiva, a função sintática de agente da passiva nem sempre é foneticamente realizada. Na verdade, conforme a tabela 2, a maior frequência é de construções em que o agente está nulo, especificamente em 88% dos dados.

	Passivas	
	N	%
Ausente	690	88%
Presente	92	12%
Total	782	

Tabela 2 Presença x Ausência do agente da passiva

Assim, a estrutura sintática de uma sentença passiva pode explicar a alta frequência de inversão germânica na medida em que esse tipo de inversão é majoritário em sentenças em que o agente da passiva não está foneticamente realizado. Por outro lado, quando o sintagma agentivo está presente, o sujeito nunca está contíguo ao verbo. Há, portanto, duas estruturas em questão: a primeira, expressa em (6a), é a estrutura prototípica de uma sentença VS em que não há a expressão de um agente da passiva; a segunda, expressa em (6b), é a estrutura prototípica de uma sentença VS em que há a expressão do sintagma agentivo.

- (6) a. (X)VS
 b. (X)V Agente da Passiva Suj

Em síntese, portanto, a tipologia de ordem dos sujeitos invertidos em passivas está intimamente relacionada à presença x ausência do agente da passiva. Um resumo das estruturas expressas em (6) é o expresso em (7): a presença do agente da passiva resulta em inversão românica, por outro lado, a sua ausência em inversão germânica.

(7) (X)V(Agente da passiva)S

Já tendo discutido os tipos de inversão do sujeito que estão presentes na amostra de passivas, apresento na próxima seção uma argumentação sobre dois fatores que condicionam a ordem do sujeito: o tipo de sujeito e o agente da passiva que, brevemente, abordei na seção que encerro.

3.3 Dois condicionamentos para a posição do sujeito: o tipo de sujeito e o agente da passiva.

Dois fatores se mostraram extremamente relevantes no padrão de ordem do sujeito em sentenças passivas analíticas e adjetivas: o tipo de sujeito e a presença ou ausência do sintagma genitivo. Passo, nessa seção, a descrevê-los e apontar uma possível análise que justifique a importância desses dois condicionamentos na ordem do sujeito em sentenças passivas.

3.3.1 O tipo de sujeito

Segundo Duarte (2003), a ordem VS no PE é condicionada por fatores discursivos como o estatuto informacional. O condicionamento atua no sentido de que se a informação é nova o sintagma com a função de sujeito tende a ficar posposto, por outro lado, se a informação é dada, o sujeito tende a ser anteposto. A razão para esse padrão de ordem de informação velha e nova está na codificação dos traços semânticos de foco e pressuposição. No português clássico (Paixão de Sousa, 2004) e no português europeu (Duarte, 2003 e Paixão de Sousa, 2004), o foco que é a informação nova é checado no final da sentença. Por outro lado, o pressuposto que é a informação velha é checado em posição inicial. Nesse sentido, o tipo de sintagma que exerce a função de sujeito se torna extremamente relevante para o estabelecimento de um padrão de ordenamento nas passivas. Sujeitos pronominais, por exemplo, só codificam informações velhas e, portanto, por hipótese, resultarão em uma frequência maior de SV. Em sujeitos com sintagmas nominais, a variação na ordem deve ser maior, visto que esse tipo de sintagma pode codificar informações novas ou velhas.

É preciso ressaltar que o peso do sintagma também influencia na ordem dos constituintes: sintagmas pesados tendem a ser superficializados em posição pós-verbal, enquanto que sintagmas mais leves tendem a se realizar antes do verbo. Observe que no gráfico 4 são destacados três tipos de sintagmas que podem exercer a função de sujeito: sintagmas oracionais, sintagmas nominais, pronomes indefinidos e pronomes pessoais. Os resultados apontam que a ordem VS é mais frequente apenas quando sintagmas oracionais exercem a função de sujeito.

Se por um lado em sujeitos oracionais há 78% de VS, nos demais tipos de sintagmas, a ordem VS nunca ultrapassa 50%. Em dados que exibem um sintagma nominal com a função de sujeito, apenas em 36% das ocorrências há VS. É interessante observar que a frequência dessa ordem em sintagmas nominais é maior do que em dados em que um pronome pessoal ou um pronome indefinido exercem a função de sujeito. Respectivamente, nesses dois últimos tipos de sintagmas, há 20% e 21% de VS.

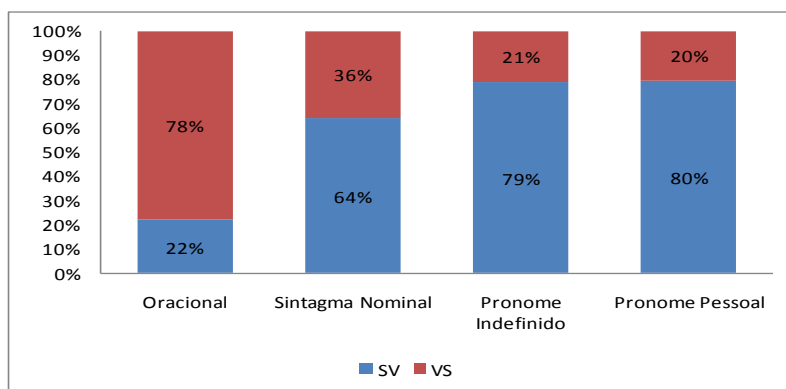


Gráfico 4 A ordem do sujeito em sentenças passivas considerando o tipo de sintagma que exerce a função de sujeito.

Mais do que uma descrição das porcentagens apresentadas é preciso buscar uma explicação para a diferença observada em sujeitos oracionais x os demais tipos de sintagmas que podem exercer a função de sujeito. Em primeiro lugar, sentenças como (8), em que o sujeito é uma oração, apresentam um sintagma “pesado”, grande, o que condiciona, conforme Duarte (2003) e Paixão de Sousa (2004), a emergência da ordem VS.

(8) a. A mais gente tem as suas épocas na vida, fora das quais lhes não **é permitido apaixonarem-se**. [Almeida Garrett, 1799]

b. Parece-me, se me **é permitido declarar o meu juízo**, que as senhoras mulheres são incorrigíveis nesta matéria. [Cavaleiro de Oliveira, 1702]

Se é possível afirmar que a alta frequência de VS em construções como (8) está relacionada ao peso do sintagma, em geral, não se pode dizer o mesmo de sintagmas nominais e pronominais que não têm essa característica. Desse modo, VS em sentenças como (9) deve estar condicionada pelo estatuto informacional destacado por Duarte (2003).

(9) a. Acabado este destroço, & depois de **serem curados todos os feridos**, que seria já quasi ás dez horas, se mandou fazer à vella por se temer dos quarenta juncos da armada que estavam dentro no rio. [Fernão Mendes Pinto, 1510]

b. Daquela sorte **ficou impunido o crime**? [Matias Aires, 1705]

Observe que os exemplos em (9) correspondem a dados em que um sintagma nominal exerce a função de sujeito. A explicação para a emergência de VS em 36% das ocorrências tem relação com o estatuto informacional desse sintagma. Majoritariamente, a ordem VS é encontrada em dados como os expressos em (9) e (10) em que há uma informação nova.

(10) a. Para decifrar alguns documentos antigos que havia em o cartório de a Casa de Alorna **foi chamado um paleógrafo** de os melhores de Lisboa. [Marquês da Fronteira e Alorna, 1802]

b. E quando Paulo Emilio mandou pedir aos athenenses mestre que lhe ensinasse os filhos e desenhador que lhe pintasse o triunfo, **foi-lhe mandado sómente um pintor**, como bem sufeciente para ambos aquelles carregos. [Francisco de Holanda, 1517]

Entretanto, há VS com sujeitos que remetem a uma informação dada. E isto ocorre tanto em sintagmas nominais, quanto em construções que envolvem sintagmas pronominais. Em dados em que mesmo com uma informação dada, há a ordem VS, é possível assumir que as gramáticas do Português Clássico e do Português Europeu podem não restringir VS às construções em que a informação nova é codificada no final da sentença. Ao levantar a questão acima é importante pensar na distribuição, ao longo do tempo, de VS, considerando os tipos de sintagmas já listados acima.

O gráfico 5 indica que desde o século XVI a frequência da ordem VS é baixa quando há sujeito pronominais. Em sentenças com pronomes indefinidos exercendo a função de sujeito, há apenas 23% de VS. Da mesma forma, quando o sujeito é um pronome pessoal, essa ordem foi encontrada em apenas 27% das ocorrências. A relevância da baixa frequência de VS em contexto de sujeitos pronominais reside no fato de serem construções em que o sujeito é uma informação velha.

Parece, de fato, que a mesma relação encontrada por Paixão de Sousa (2004) para as sentenças ativas é observada nas passivas, ou seja, a ordem VS, no Português Clássico, independente de ser uma sentença ativa ou passiva, é influenciada pelo estatuto informacional. No que concerne às sentenças em que há um sintagma nominal exercendo a função de sujeito, a frequência de VS é maior do que a encontrada quando o sujeito é um sintagma pronominal: no período que vai do século XVI ao XVII, respectivamente, há 40% e 42% dessa ordem. Novamente, o estatuto informacional é a explicação visto que sintagmas nominais codificam também informações novas.

Há apenas um tipo de sujeito em que VS sempre é preferencial: o sujeito oracional. Observe, no gráfico 5, que nesse tipo de sujeito, no século XIX, VS é categórica. Ao longo do tempo, percebe-se que há uma variação entre VS x SV, mas em nenhum período, SV supera a frequência de uso de VS. Há, respectivamente, as frequências de 83%, 68%, 75% e 100%.

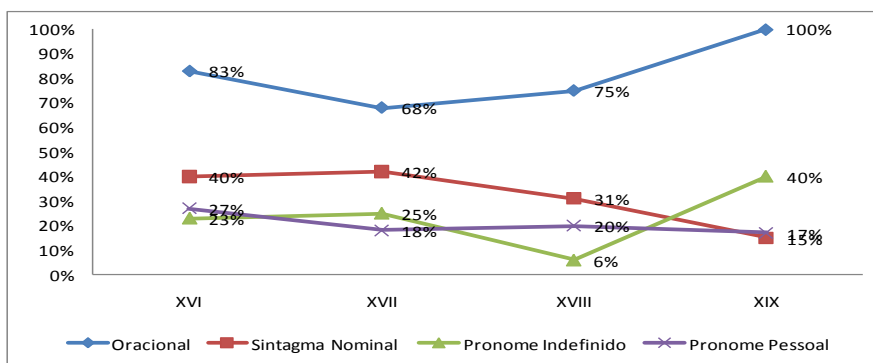


Gráfico 5 A ordem VS e o tipo de sintagma

Um fato interessante a ser observado é que, exceto nos sujeitos oracionais, há, ao longo do tempo, a queda na frequência de uso da ordem VS. Essa queda que sem sombra de dúvidas se acentua na passagem do século XVII para o XVIII vai ao encontro dos resultados apresentados por outros trabalhos feitos com a amostra do Tycho Brahe e que foram ressaltados na segunda seção. O padrão de diminuição da frequência de VS entre os séculos XVII e XVIII marca a emergência da gramática do PE, em que predominam as sentenças com sujeito anteposto ou nulo, visto ser esta uma gramática pro-drop.

Gramáticas do tipo pro-drop como o PE se caracterizam, entre outros pontos, pela possibilidade de ocorrer a inversão do sujeito. Nesse sentido, é possível explicar a ordem VS em sujeitos pronominais, mas é preciso ressaltar que VS, ao longo do tempo, se torna predominante em contextos de sujeitos pesados: os sujeitos oracionais. Ou seja, com o aumento da frequência de sujeitos nulos em passivas, conforme Cavalcante (2011), e ativas, conforme Paixão de Sousa (2004), e a preferência por SV quando há realização fonética do sujeito, os contextos de VS se tornam cada vez mais restritos.

3.3.2 O agente da passiva

O segundo fator que é relevante no estabelecimento da ordem do sujeito em sentenças passivas é a presença ou ausência do sintagma agentivo. Observe alguns exemplos de sentenças com agente da passiva, em (11).

(11) a. porém quando **o amor é conduzido por Himeneu**, sem cuja companhia é mal recebido das gentes honradas, basta-lhe deixar-se ver para se fazer entender, e todo o mundo fala por ele. [Cavaleiro de Oliveira, 1702]

b. **Este Embaixador foy bem recebido de Pero de Faria**, & com as honras & cerimonias feitas ao seu modo, & depois que lhe deu a carta [Fernão Mendes Pinto, 1510]

c. Vossa Mercê já sabe que **isto de cristãos velhos, e novos é mais debatido** aqui em Roma entre os portugueses do que lá. [Antônio da Costa, 1714]

Mais do que a forma de realização do agente da passiva, ou seja, se é com a preposição “de” ou “por”, importa ressaltar uma possível razão para o goldvarb-X ter selecionado esse fator como relevante para os resultados. Observe, primeiramente, na tabela 3, que independente da presença ou ausência do agente da passiva, a ordem SV é a mais frequente. Especificamente, SV ocorre em 60% dos dados quando o agente da passiva está ausente e em 77% quando há presença desse mesmo sintagma.

	Ausente		Presente		Total
	N	%	N	%	
SV	416	60%	71	77%	
VS	274	40%	21	23%	
Total	690		92		782

Tabela 3 Presença x ausência do agente da passiva considerando a ordem do sujeito em relação ao verbo finito

Entretanto, a maior frequência de VS se dá quando o agente da passiva não está nulo. Em 40% das ocorrências de ordem VS, não há o sintagma agentivo. Por outro lado, a presença desse sintagma propicia que em apenas 23% das ocorrências haja VS. A explicação para o aumento da frequência de VS em sentenças passivas quando se dá a ausência do agente da passiva está relacionada à estrutura da sentença. Como foi apresentado ao longo do trabalho, mesmo em sentenças passivas há a preferência por SV, dessa maneira quando o sintagma agentivo é foneticamente realizado, ele acaba por ocupar uma posição pós-verbal. Quando se dá a ausência desse sintagma, como em (12), há uma posição pós-verbal disponível o que parece favorecer a emergência de VS.

(12) a. Antes de se começar a guerra, **he obrigado o Principe** a propor as causas dellaá Republica contraria;[Manuel da Costa, 1601]

b. Fomos falar-lhe à roda, que ainda essa noite nos não **foi concedido o gosto de o vermos**, porque chegou depois das Ave-Marias e era contra a norma conventual abrir-se a grade, sem que a natureza pudesse cousa alguma contra os bisonhos costumes das nossas Madres. [Marquesa de Alorna, 1750]

É preciso ressaltar que a presença do agente da passiva não impede que o sujeito seja expresso em uma posição pós-verbal. Na tabela 2, é notável que em 23% das ocorrências de VS, há o sintagma agentivo. Novamente, o que explica a emergência de VS em sentenças como (13) é o estatuto informacional, pois sendo o sujeito uma informação nova, ele é codificado em posição pós-verbal.

(13) a. tres quadrilhas se vieraõ à feitoria onde pousava o Tomé Lobo, & abalroando as casas por seis ou sete partes, nelas entraraõ por força, por mais que as nõs defendemos, & na defensão dellas **foraõ mortas da nossa parte onze pessoas**, entre as quais foraõ os tres Portugueses [Fernão Mendes Pinto, 1510]

b. mas, como é verboso, fácil me foi descobrir quanto lhe era desagradável que **fôsse tratado por mim um tão importante negócio**, apoiando sempre as suas razões negativas sôbre a dificuldade que havia em se guardar o segrêdo. [Marquesa de Alorna, 1750]

Estruturalmente, a ordem estabelecida nas sentenças (13a-b) é: Verbo – Agente da passiva – Sujeito. Esse padrão de ordenamento é o produto da posição sintática onde o foco é marcado na gramática do PE, isto é, em posição de final de sentença. Por isso, o agente da passiva é realizado entre o verbo e o sujeito, visto que dessa forma o sujeito, informação nova, ocupa a posição de foco das sentenças.

4.0 Considerações Finais

Ao longo desse trabalho, foi apresentada uma análise descritiva dos fatores que condicionam a ordem do sujeito em sentenças passivas no português clássico e europeu. Os resultados apontam que assim como em sentenças ativas a ordem preferencial do sujeito em passivas é SV. As construções em que há VS são condicionadas pelo estatuto informacional do sujeito, bem como pela ausência ou presença do sintagma agentivo.

Os resultados do trabalho apontam que, se o sujeito é uma informação nova, se tornam mais frequentes sentenças em que a ordem é VS, por outro lado se o sujeito é uma informação velha, há maior frequência da ordem SV. Dessa maneira, sentenças em que o sujeito seja um pronome tendem a ter ordem SV. Nos sintagmas nominais, essa ordem é variável, visto que não é categórica a expressão de uma informação velha. Outro fator que é importante ser ressaltado é o peso do sintagma: sintagmas mais leves que exercem a função de sujeito tendem a ser codificados na ordem SV. Por outro lado, sintagmas mais pesados como os oracionais ou sujeitos compostos apresentam uma frequência maior de VS. Por fim, a ordem VS também é favorecida se não ocorrer o sintagma agentivo.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Zenaide Novaes. (2005). *Cartas da Bahia (1809-1907): um estudo filológico-linguístico*, Tese de doutorado inédita, Unicamp.

- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. (2006). *O se com infinitivo na história do português, do português clássico ao português europeu e brasileiro modernos*. Tese de doutorado inédita, Unicamp.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. (2011a). As construções com "SE" na história do português: o "SE" passivo é passivo?. In: XVI Congresso Internacional da ALFAL, 2011, Alcalá de Henares. *Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, Servicio de Publicaciones, v. 1. p. 1-10.
- DUARTE, Inês. (2003). “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras”. In: Mateus, Maria Helena Mira et alli, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho, p 275- 320.
- FLORUPI, Simone. (2008). *Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português*. Tese de doutorado, Unicamp.
- GALVES, Charlotte; NAMIUTI, Cristiane; PAIXÃO de SOUSA, Maria Clara. (2005). Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: Annette Endruschat; Rolf Kemmler; Barbara Schafer-Prie t. (Org.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, p. 45-75.
- GIBRAIL, Alba. (2009). O requerimento de efeitos V2 no licenciamento de estruturas de tópico no Português Clássico. *Anais do Seta*, v. 3.
- KROCH, Anthony. (2001). “Syntactic Change”. In: M. Baltin e C. Collins (eds): *The handbook of contemporary syntactic theory*. Blackwell.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. (2004). *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP.
- TARALLO, F. & KATO, M. A (1989) Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e intra lingüística. *Predição*. 6: 1-41.